



ENTRE A MEMÓRIA E O SILÊNCIO: A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NA HISTÓRIA SOCIAL DO CEARÁ

Lisandra De Freitas Moura¹
Edson Holanda Lima Barboza²

RESUMO

O estudo tem como objetivo central analisar a invisibilidade histórica das mulheres negras na trajetória social do Ceará, investigando como estruturas de poder, narrativas hegemônicas e epistemicídios contribuíram para o apagamento de suas memórias e experiências. A finalidade da pesquisa é reinscrever essas trajetórias, destacando a relevância das práticas culturais, comunitárias e religiosas como formas de resistência e de construção de protagonismo. Para tanto, utilizou-se uma metodologia de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa, fundamentada em referenciais teóricos interseccionais e decoloniais, e apoiada em fontes documentais. Os resultados evidenciam que a exclusão não decorreu de esquecimentos fortuitos, mas de processos estruturais de silenciamento, e revelam que, apesar da marginalização, as mulheres negras cearenses criaram redes de apoio, ativismo e resistência cultural. A conclusão aponta para a necessidade de ampliar as metodologias historiográficas, incorporando epistemologias insurgentes e memórias “subalternas”, a fim de construir uma história plural, inclusiva e comprometida com a reparação simbólica e social.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Interseccionalidade; Invisibilidade; Memória.

Unilab, Ceará, Discente, lisandrafreitas@aluno.unilab.edu.br¹
Unilab, Ceará, Docente, edsonholanda@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A invisibilidade das mulheres negras na história social do Ceará constitui um fenômeno que não pode ser interpretado como mero esquecimento, mas como resultado de um processo ativo de exclusão, sustentado por estruturas de poder que definiram quais memórias mereciam ser registradas e quais deveriam ser silenciadas. Ao longo dos séculos, as experiências dessas mulheres foram frequentemente reduzidas a papéis subalternos, como o trabalho doméstico ou ambulante, ofuscando sua relevância política, cultural e social (França, 2023; Silva, 2013). Nesse contexto, torna-se urgente problematizar a ausência dessas vozes na historiografia oficial, resgatando sua atuação como protagonistas e agentes de resistência.

A questão-problema que norteia esta pesquisa reside em compreender de que forma a invisibilidade histórica das mulheres negras cearenses foi produzida e mantida, bem como investigar quais estratégias essas mulheres desenvolveram para resistir ao apagamento. Essa indagação exige o diálogo com as teorias da interseccionalidade e da decolonialidade, que revelam como raça, gênero e classe se articulam na reprodução das desigualdades sociais e na perpetuação de hierarquias epistêmicas (Sales; Lima, 2022; Quijano, 2000). Dessa forma, o estudo busca romper com os limites das narrativas hegemônicas, propondo a construção de uma memória coletiva plural e inclusiva.

A justificativa para este trabalho encontra respaldo tanto no campo acadêmico quanto no social, uma vez que dar visibilidade às trajetórias dessas mulheres é fundamental para combater os efeitos do racismo estrutural e do sexismo, ainda presentes na sociedade contemporânea. Como defendem Nascimento (2012; 2025), a atuação das mulheres negras no movimento social e na organização comunitária foi determinante para o fortalecimento das lutas coletivas, mas essa centralidade foi sistematicamente minimizada. Assim, reinscrever suas memórias é também um ato político de reparação simbólica, que contribui para a construção de políticas educacionais e culturais de valorização da identidade negra.

Os objetivos desta pesquisa se dividem em geral e específicos. O objetivo geral consiste em analisar os mecanismos de invisibilidade histórica que recaíram sobre as mulheres negras cearenses, ressaltando sua agência social e cultural. Como objetivos específicos, destacam-se: (i) identificar as formas de apagamento nos registros oficiais e acadêmicos; (ii) examinar como as mulheres negras elaboraram estratégias de resistência através da oralidade, da religiosidade e do trabalho comunitário; (iii) discutir a relevância da interseccionalidade e das teorias decoloniais para a compreensão do fenômeno; e (iv) refletir sobre como essa invisibilidade influencia a construção da identidade social cearense.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, fundamentada em autores que discutem interseccionalidade, colonialidade e epistemicídio. A pesquisa foi realizada por meio de levantamento em bases científicas, com destaque para o SciELO e o Google Acadêmico, utilizando descritores como “mulheres negras”, “invisibilidade histórica” e “memória social”. Esse procedimento possibilitou a seleção de fontes teóricas que sustentam a análise crítica do tema, articulando diferentes perspectivas para a compreensão do apagamento histórico.

Como critérios de inclusão, foram considerados: (i) trabalhos publicados entre 2010 e 2025; (ii) estudos que abordem especificamente mulheres negras e a invisibilidade social ou histórica no Ceará ou no Brasil; e (iii) pesquisas que apresentem discussões interseccionais e decoloniais. Por outro lado, os critérios de exclusão englobam: (i) produções que tratem de mulheres em geral sem recorte racial; (ii) pesquisas que não dialoguem com o contexto histórico-social brasileiro; e (iii) estudos de caráter opinativo sem embasamento



científico. Esses parâmetros asseguram a relevância e a confiabilidade das fontes utilizadas na análise.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos e significados atribuídos às experiências das mulheres negras, indo além de dados estatísticos ou quantitativos. Como destaca Cisne e Ianael (2022), as narrativas orais, registros comunitários e fontes não convencionais constituem ferramentas fundamentais para captar vozes silenciadas pela historiografia oficial. Dessa forma, a metodologia possibilita não apenas a análise crítica de documentos, mas também a valorização das práticas culturais e de resistência que foram mantidas pelas comunidades negras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura teórica mobilizada pelo estudo articula, de modo produtivo, os marcos da interseccionalidade e das perspectivas decoloniais como chaves hermenêuticas para compreender o apagamento. A interseccionalidade permite explicitar como raça, gênero e classe se entrelaçam na produção de exclusões assimétricas, mostrando que a experiência das mulheres negras não pode ser reduzida nem ao gênero nem à raça de forma isolada (Sales; Lima, 2022). Concomitantemente, a abordagem decolonial ao recuperar o conceito de colonialidade do poder e do saber aponta para o modo como hierarquias epistemológicas persistem após o fim formal do colonialismo, naturalizando a deslegitimação dos saberes e das práticas femininas negras (Quijano, 2000; França, 2024). O conceito de epistemicídio, aqui operante, nomeia a desvalorização e a criminalização epistemológica das formas de conhecimento produzidas no interior das comunidades negras, tratadas frequentemente como “folclore” ou “superstição” (Silva, 2013).

Ao deslocar o foco para os dispositivos do arquivo, o estudo sublinha a necessidade de entender os acervos como tecnologias de poder que selecionam e hierarquizam memórias. Inspirado na noção de “produção de silêncios” de Trouillot, o argumento sustenta que lacunas documentais constituem sinais analiticamente relevantes e não meras ausências fortuitas; são vestígios de decisões institucionais que marginalizam experiências, termos e atores sociais (Trouillot, 1995; França, 2023). No contexto cearense, registros eclesiásticos, cartoriais e prensa periódica frequentemente codificaram uma linguagem de exclusão, classificando mulheres negras sobretudo por funções reprodutivas ou laborais, o que obscureceu sua participação política e cultural (Cisne; Ianael, 2022; Silva; Sousa; Feitosa, 2012).

As práticas discursivas e representacionais da mídia e das instituições reforçaram estereótipos que naturalizaram papéis subalternos para as mulheres negras da trabalhadora doméstica à vendedora ambulante ou “rezadeira” reduzindo, assim, a pluralidade de suas trajetórias e potencialidades políticas (Sales; Lima, 2022; França, 2023). Esse repertório estigmatizante encontra ressonância em topoi históricos e iconográficos que consolidam a opacidade social dessas mulheres, limitando tanto o reconhecimento público quanto o acesso a canais de produção simbólica. Estudos de caso, como o resgate de figuras locais (por exemplo, Preta Simoa), mostram que as presenças femininas existem nas margens dos arquivos e demandam leituras cruzadas entre fontes para serem evidenciadas (Ribeiro, 2023).

Paralelamente ao diagnóstico do apagamento, o corpus analisado destaca estratégias de resistência e de criação de protagonismo: redes de solidariedade, práticas religiosas de matriz africana, associações comunitárias, ativismo feminista negro e a produção de memórias através da oralidade constituem matrizes de reinscrição identitária (Nascimento, 2025; Félix Bezerra; Nunes, 2021; Cisne; Ianael, 2022). Hoje, novas formas de visibilidade por meio de influenciadoras digitais e de plataformas colaborativas de memória rearticulam essas narrativas e desafiam as versões hegemônicas, apresentando um movimento contínuo de reescrita da memória coletiva (Silva, 2024). Essas ações revelam que a invisibilização convive com processos de reexistência que reconfiguram espaços simbólicos locais.



A partir desse diagnóstico político-epistemológico, surge um arsenal metodológico propositivo: a expansão do conceito de arquivo (incluindo fontes domésticas e comunitárias), o emprego de prosopografia e de análise de redes para reconstituir padrões de sociabilidade, e a centralidade da história oral e de metodologias participativas que devolvam voz e autoria às próprias protagonistas (Cisne; Ianael, 2022; Ribeiro, 2023; Nascimento, 2025). Essas técnicas não apenas ampliam o campo empírico, mas exigem uma ética de pesquisa comprometida com a devolutiva e o protagonismo comunitário, evitando a apropriação acadêmica das memórias alheias e promovendo processos de co-produção do conhecimento.

CONCLUSÕES

A análise realizada permite compreender que a invisibilidade histórica das mulheres negras cearenses foi produzida e mantida por uma combinação de fatores estruturais, que vão desde a construção de arquivos seletivos até a imposição de estereótipos sociais e raciais. Esses processos não se deram de maneira passiva, mas resultaram de escolhas deliberadas de instituições e discursos hegemônicos que decidiram o que deveria ser lembrado e o que deveria ser silenciado. A ausência de registros formais e a desqualificação dos saberes tradicionais dessas mulheres demonstram como a colonialidade e o racismo estrutural permaneceram operando mesmo após o fim da escravidão, reforçando o apagamento de suas contribuições na formação social e cultural do Ceará.

Ao mesmo tempo, a investigação evidenciou que a manutenção desse silêncio histórico não se restringiu ao passado, mas reverbera até os dias atuais, quando muitas narrativas seguem privilegiando protagonistas masculinos e brancos, relegando as mulheres negras a papéis secundários. Essa continuidade demonstra como a invisibilidade foi sustentada por mecanismos simbólicos, como a linguagem dos registros oficiais e o imaginário social que associava a mulher negra a funções subalternas. Dessa forma, o apagamento não pode ser visto como uma falha ou descuido, mas como resultado de uma estrutura de poder que atua de forma persistente na produção de desigualdades.

Apesar desse cenário de silenciamento, as mulheres negras cearenses desenvolveram estratégias múltiplas de resistência que lhes permitiram manter vivas suas memórias, saberes e formas de organização. A oralidade, a religiosidade de matriz africana, o trabalho comunitário e as redes de solidariedade configuram-se como instrumentos fundamentais para a preservação de sua identidade e de sua agência social. Essas práticas não apenas resistiram ao apagamento, mas criaram espaços de reexistência, nos quais essas mulheres reafirmaram sua presença histórica e cultural, ainda que de maneira invisibilizada pela narrativa oficial.

Outro ponto de destaque é o papel dos movimentos sociais e comunitários, especialmente no século XX, quando muitas mulheres negras passaram a se organizar de maneira mais estruturada em coletivos e associações. Essas organizações permitiram que suas pautas específicas viessem à tona, mesmo diante da minimização ou do silenciamento das instituições hegemônicas. Ao protagonizar lutas em defesa da igualdade racial e de gênero, essas mulheres demonstraram que a resistência não se restringia ao cotidiano, mas também assumia caráter político e coletivo, confrontando a exclusão histórica que lhes foi imposta.

Nesse sentido, a reconstrução da memória das mulheres negras cearenses depende de uma postura crítica frente aos arquivos e às fontes tradicionais, exigindo que novas metodologias sejam aplicadas para dar voz às histórias silenciadas. É necessário ampliar o escopo da historiografia, incorporando não apenas registros oficiais, mas também acervos comunitários, relatos orais, tradições culturais e manifestações artísticas que, por muito tempo, foram marginalizados. Essa ampliação metodológica permite não só resgatar a presença dessas mulheres, mas também reconhecer sua centralidade na construção da sociedade cearense.



AGRADECIMENTOS

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão do fomento que tornou possível a realização deste estudo. O apoio financeiro recebido foi fundamental para a dedicação integral à pesquisa, contribuindo para a consolidação da minha formação acadêmica e para o desenvolvimento científico no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

REFERÊNCIAS

- CISNE, Mirla; IANAEL, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. *Revista Katálysis*, v. ? (2022). DOI: 10.1590/1982-0259.2022.e84661. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/84661>.
- FELIX BEZERRA, Maria Raiane; NUNES, Cícera. Movimentos Negros no Ceará: um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri. *O Público e o Privado*, Fortaleza, v. 19, n. 40, set./dez. 2021. DOI: 10.52521/19.5409. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/5409>. Acesso em: 4 set. 2025. *Revistas UECE*
- FRANÇA, Lusirene Celestino. Racismo e invisibilidade negra: o legado da emancipação da escravidão no Ceará. *Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/dia-logos/article/view/77067>. Acesso em: 4 set. 2025. *E-Publicações UERJ*
- FRANÇA, Lusirene Celestino. Racismo e invisibilidade negra: o legado da emancipação da escravidão no Ceará. *Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História*, v. 17, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/dia-logos/article/view/77067>
- NASCIMENTO, Joelma Gentil do. Memórias organizativas do movimento negro cearense: algumas perspectivas e olhares das mulheres militantes, na década de oitenta. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7356>
- NASCIMENTO, Maria Yasmim Rodrigues do. “A gente foi juntando mulheres”: memórias, ativismos e insubmissões de mulheres negras cearenses. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/82025>
- RIBEIRO, Cícera Rozizângela Barbosa. De Preta Simoa à Lúcia Simão: mulheres negras em movimento no Ceará (1982). *Semana de Humanidades da UFC*, Fortaleza, 2023. GT 4 – África e Diáspora: Pesquisa e Produção de Conhecimento. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/sh/article/view/81916>.
- SALES, Suevellyn Cassimiro; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise interseccional dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *Jornalismo e estudos midiáticos: Memória*. Porto: Publicações Fundação Fernando Pessoa, 2022. p. 89-103. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/69691>.
- SILVA, Dávila Maria Feitosa da. Mulheres negras cearenses: narrativas de vida de influenciadoras digitais antirracistas. 2024. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/35096>
- SILVA, Joselina; ANTÔNIO DE SOUSA, Marilúcia Sousa; FEITOSA, Daiane Patrícia. Memórias de “pretas



velhas”: as falas das mulheres cearenses do Cariri. REALIS - Revista de Estudos Afro-Asiáticos (v.2, n.1, 2012). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/issue/view/1166>

SILVA, Maria Saraiva da. A transmissão de conhecimentos advinda de mulheres negras cearenses acima de setenta anos: um olhar sobre suas histórias e memórias. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8592>

SILVA, Maria Saraiva da. A transmissão de conhecimentos advinda de mulheres negras cearenses acima de setenta anos: um olhar sobre suas histórias e memórias. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8592>.